PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: ALBERTO MANGUEL

BIOGRAFIA: Escritor nascido na Argentina, hoje é cidadão canadense. Além de ensaios, escreve antologias e romances.

INT. CASA DO MANGUEL / DIA

BLOCO 1

<p style="text-align: center;">NARRADOR</p> <p>O escritor Alberto Manguel é romancista, ensaísta e organizador de mais de uma dezena de antologias de literatura. Nascido em Buenos Aires, hoje vive no interior da França, onde nos recebeu para falar da sua vida, da literatura e do mundo contemporâneo.</p> <p style="text-align: center;">MANGUEL</p> <p>Eu acredito que meu interesse pela literatura começa antes que eu tenha noção do que é ter interesse e de ter uma noção do que é literatura. Minha relação com a palavra escrita começa quando tinha 3, 4 anos e descobro que sei ler. Meu pai era embaixador, viajava muito, de maneira que para mim era importante ter um lugar fixo na minha vida e esse lugar fixo eram meus livros. Os lugares onde vivíamos mudavam, meu dormitório mudava, as vozes que escutava eram outras, porém eu sabia que todas as noites eu voltaria aos</p>	<p style="text-align: center;">VINHETA DE ABERTURA</p> <p>FOTO: Capas dos livros “Todos os homens são mentirosos”, “A Cidade das Palavras”, “Contos de horror do século XIX”, “Contos de Amor do Século XIX” e “Black Water: Anthology of Fantastic Literature”</p> <p>VINHETA: “A pátria dos livros”</p>
--	--

livros que eu tinha e que se abrisse certo livro numa certa página ali estava exatamente o mesmo texto com a mesma ilustração. Marguerite Yourcenar diz em alguma parte que sua pátria são os livros, e minha pátria também.

Temos que nos lembrar de que somos animais leitores. A raça humana desenvolveu, há muitos anos, possibilidades de imaginar o mundo. É como ter a experiência do mundo antes de vivê-la. Eu posso saber o que é morrer antes de morrer, eu posso saber o que é viajar antes de viajar, através da narração. Esse poder extraordinário, somos a única espécie que tem esse poder de ter a experiência antes de ter a experiência, se converte logo depois da invenção da escrita na possibilidade de assentar por escrito essas narrações. Agora, não podemos esquecer, nós que vivemos em civilizações de livro, que muitas civilizações são civilizações da palavra oral e que encontram os mesmos propósitos, porém com outros conceitos de espaço, de tempo. Dentro das sociedades da palavra escrita, nós desenvolvemos uma noção de tempo que é um tempo narrativo. O livro transcorre, porém ao mesmo tempo continua estando onde está. A primeira página que lemos continua sendo a primeira página que lemos quando chegamos à última. Enquanto isto, Santo Agostinho falando justamente do que

VINHETA: “A importância de contar histórias”

FOTO: Santo Agostinho

significa o ato de ler, fala do passo através do ato de uma leitura, de um processo no qual o texto que vamos lendo vai diminuindo à medida que o lemos porque vamos chegando ao final, porém, o que já tínhamos lido vai incrementando a área da memória. Então há dois processos simultâneos: aquele que vai rumo ao final do texto e aquele que volta ao princípio do texto na memória. Isso para as sociedades da palavra escrita. Nas sociedades orais o transcurso do texto ocorre somente no momento de narração. Eu posso lembrar o que você me contou, porém, no momento de ser testemunha do texto, de escutá-lo, eu estou escutando apenas no momento da narração. Eu não posso voltar e dizer “Bom, como era esse primeiro parágrafo que me você contou?”. Estas são diferenças muito importantes quanto ao tempo, quanto ao espaço também há diferenças muito importantes. No mundo da palavra escrita o espaço não apresenta fronteiras infranqueáveis. Tem um exemplo muito comovente, no princípio da literatura, há, bem, praticamente 4.000 anos, é uma carta escrita na Mesopotâmia, onde o correspondente responde para a pessoa que havia lhe escrito dizendo “Quando recebi a sua carta era como se nos encontrássemos e nos abraçamos”. Quero dizer que a distância foi superada, não importa que o correspondente esteja a muitos quilômetros. O espaço da palavra escrita cria um espaço sem fronteiras.

FOTO: Mapa da Mesopotâmia

Nas sociedades da palavra oral é diferente porque a presença física do narrador é imprescindível para que o texto possa ser ouvido.

Cada vez que nasce uma nova tecnologia, essa tecnologia provoca duas coisas: a primeira é tomar o vocabulário da tecnologia precedente para definir a si mesma. Então, por exemplo, a impressão toma o vocabulário do manuscrito, a fotografia toma o vocabulário da pintura, o cinema toma o vocabulário do teatro. Mas, também decreta a morte da tecnologia precedente. A fotografia nasce com o lema “de hoje em diante a pintura morta”. Obviamente isto não ocorre, o que ocorre é uma renovação da tecnologia precedente que toma elementos da nova tecnologia para renovar-se e uma valorização dessa tecnologia supostamente morta. Por exemplo, quando se cria impressão e as primeiras impressoras começam a trabalhar em diferentes lugares da Europa, os primeiros *best sellers* são manuais de caligrafia e coleções de cartas. Por exemplo, as cartas de Cícero. Porque enquanto há uma tecnologia que diz que já não é necessário escrever à mão, a gente que escrevia à mão diz “Ah, era isto o que fazíamos! Então vamos ver como se pode fazer, vamos a estudar o que estamos fazendo e vamos escrever cartas”. E acontece uma explosão da correspondência a partir da invenção de

VINHETA: “O livro morreu?”

Gutenberg. Em nosso caso, o caso da confrontação entre a tecnologia electrónica e a tecnologia da impressão no sector da escrita, porque vamos ver que é uma tecnologia que certamente serve para tudo o que fazemos, porém, no que se refere à escrita, tem-se produzido esse mesmo fenómeno, é como quando eu escrevi um livro que se chama “A Historia da Leitura”, há 20 anos, não havia livros sobre a história da leitura, a leitura considerada como uma arte em si mesma, havia, é claro, porque sempre há precursores, havia ensaios e havia justamente, no ano que eu publiquei esse livro, aparece uma antologia feita por Roger Chartier magnifica de ensaios académicos sobre a leitura em diferentes momentos da Historia. Desde a publicação desse livro, com o auge da tecnologia electrónica, há 10 livros sobre a história da leitura, e sobre o que é a leitura, publicados todos os dias. Tem um desenho muito divertido de Samper de um homenzinho que está olhando a vitrine de uma livraria e na livraria estão todos os livros com títulos como “A Morte do Livro”, “Não Leremos Mais”, “A Escrita Acabada”, “Apocalipse do Livro”, etc., etc. O que não aconteceu, e isto é um fenómeno interessante, é a recuperação da tecnologia pelos artistas. Isto é algo que me interessa e que me preocupa. Geralmente, quando nasce uma nova tecnologia e essa tecnologia, como dizia, toma o vocabulário da tecnologia

FOTO: Roger Chartier

precedente, o renova e cria elementos desse vocabulário que são originais, necessários para essa nova tecnologia. O cinema, veja bem, começa com um vocabulário teatral, desenvolve muito rapidamente uma linguagem a partir quase do princípio, porém, certamente a partir de Eisenstein, formas de expressar-se que são particulares dessa tecnologia. Isso curiosamente, no espaço da palavra escrita não tem ocorrido com a tecnologia electrónica. Até agora a tecnologia electrónica tem simplesmente imitado o livro, além disso, imitado o livro anterior ao *codex*, na tela lemos como no rolo romano, desenrolamos o rolo nos *tablets*, imitamos a tábula de argila da Mesopotâmia, porém, esta tecnologia não criou um elemento absolutamente novo. Estamos ainda nessa etapa em que esteve a impressão durante um curto período de tempo que foi a de imitar o manuscrito. A Bíblia de Gutenberg parece um manuscrito iluminado porque as pessoas não iriam comprar um texto que não conhecessem, é como dizer “O que é isto, si está com outros caracteres?”. Parece-me que em grande parte a tecnologia electrónica, por ter sido promovida, e tão fortemente, pela economia de mercado ou pelo modelo industrial que quer vender os aparelhos a todo custo, não deixou um espaço para a investigação artística. E é muito curioso porque aqui temos uma tecnologia que permite o que Wagner chamava de

FOTO: Sergei Eisenstein

FOTO: Codex romano

FOTO: Tábula de argila

FOTO: Bíblia de Gutenberg

FOTO: Richard Wagner

“Gesamtkunstwerk”, quer dizer “a obra de arte total”, que tem texto, que tem imagem, que tem voz, que tem movimento, que tem cor, que tem memória que pode ser estática, que pode transcorrer, e ninguém fez nada com isto! É uma pena porque a força comercial está sempre oposta à *decriação* pura. Bem, vemos as consequências disso, porém, hora não vamos perder o fio da meada, por exemplo, o campo da educação onde a vontade comercial faz com que criemos centros de educação que não são para da educação, e sim para o adestramento, onde se entrega os jovens para trabalhar numa oficina, numa fábrica, onde quer que seja, em lugar de ser o que deve ser: um espaço absolutamente gratuito para a imaginação. Gratuito no sentido, sobre tudo, de não ter um propósito fixo. Tenho um amigo cientista que discutimos sobre esses problemas em termos de todos os governos e onde o problema que se enfrenta nas humanidades é o mesmo que se enfrenta nas ciências puras. Porque dizer que um vai a estudar matemática ou física, ou astrofísica simplesmente para estudá-lo, sem saber no que vai resultar não conta com o apoio financeiro de nenhum governo, como tampouco o é estudar filosofia ou estudar poesia. Este amigo meu dizia, “O que estes burocratas se esqueceram é que a eletricidade não se descobriu para inventar lâmpadas eléctricas. O mesmo ocorre com todos os outros campos do pensamento puro, não?”

VÍDEO: Pessoas andando em Londres

ENTRA VINHETA PRO COMERCIAL

BLOCO 2:

<p style="text-align: center;">NARRADOR</p> <p>Nesse bloco ou autor Alberto Manguel fala do mundo contemporâneo, dá conselhos ao jovem leitor e explica qual é ou lugar da arte hoje.</p>	<p style="text-align: center;">ENTRA VINHETA DE RETORNO</p>
<p style="text-align: center;">MANGUEL</p> <p>Em “Brave New World”, a utopia de Huxley, o organizador, o burocrata responsável por essa sociedade na qual a arte não está permitida, tem uma discussão com o protagonista, e o protagonista lhe diz “Mas eu não entendo por que não podemos ter arte!”. E o burocrata lhe diz “A arte faz pensar, causa miséria, nos preocupa, nos faz ver a realidades com todas suas tristezas e horrores”. Então, entre o bem-estar mental e a arte, escolhemos o bem-estar mental. Escolhemos esse estado de espécie de calma boba em o que nos encontramos agora no qual queremos crer justamente, em toda esta publicidade comercial. Dizer, por exemplo, “Estamos conectados com todos, temos milhares de amigos no Facebook, temos a identidades que criamos quando nos apresentamos...” é uma campanha publicitaria que tem tido um êxito extraordinário, o de vendermos a nós mesmos. Nós estamos em sociedades nas quais nossa própria identidade é uma que temos que comprar sabendo que é falsa e todos os elementos básicos para os quais criamos uma sociedade para facilitar</p>	<p>VINHETA: “O lugar da arte hoje”</p> <p>FOTO: Aldous Huxley</p> <p>FOTO: Capa do livro “Admirável Mundo Novo”</p>

o acesso a esses elementos básicos têm sido comercializados de tal maneira que agora é muito mais difícil acessá-los dentro da sociedade que fora da sociedade. Seja o ar, seja a água, seja educação, que seja o amor, que sejam os alimentos básicos, tudo passa por uma comercialização. Um dos exemplos mais contundentes foi quando esta companhia química suíça quis patentear plantas medicinais do Amazonas, para patenteá-las, como dissesse “Você não pode utilizar tal planta porque a patente pertence à companhia”. Bem, esses são absurdos aos que temos que nos opor! Em certo momento, um senhor americano decidiu que tinha que ser o proprietário de todo o espaço exterior e um juiz na Irlanda lhe permitiu assentar o documento de propriedade, chamou esse espaço de “Celestia” e Celestia lhe pertence, certo? O que rodeia a Terra pertence a este senhor.

Temos que entender o que entendemos por loucura. Quando Erasmo escreve seu “Elogio da Loucura”, ele faz uma definição muito clara entre a loucura iluminada, a loucura dos santos, a loucura dos que seguiram a Cristo, porém, podemos dizer o mesmo por Buda, ou filosofias como a de Nietzsche; e a loucura que é uma distorção de nossos propósitos essenciais. O ser humano tem uma tendência a se melhorar, a se curar, a se sanar. Diferentes mitologias traduzem isso com diferentes

VINHETA: “Loucura”

FOTO: Erasmo de Roterdã

FOTO: Capa do livro “Elogio da Loucura”

FOTO: Friedrich Nietzsche

diferentes narrações, mas é sempre um progresso rumo a algo melhor e, acima de tudo, rumo a uma condição própria na qual somos mais felizes, podemos ser mais felizes. Podemos nos sanar do que está mal em nós e os índices de como chegar a isso estão em nós, e são dados em nossos sonhos, nossas divagações, nós somos nossos próprios médicos. Mas há momentos em que esses impulsos se desnaturalizam e se converte no oposto, em algo que quer no destruir, essa é a loucura insalubre. E nós estamos vivendo em sociedades onde essa loucura insalubre tem sido oficializada. Não é que tenha havido momentos em os que tenhamos sido todos felizes, não houve momentos piores, nem momentos melhores, isso não importa, porém hoje estamos vivendo em sociedades que têm construído estruturas econômicas absolutas, onde o propósito da sociedade não é o bem-estar de cada cidadão ou da maior parte dos cidadãos, mas simplesmente a produção de benefícios financeiros que em si mesmo é um conceito vazio. O dinheiro é o símbolo do que detém uma sociedade, as riquezas, mas também os potenciais de uma sociedade. Mas não é assim que encaramos, consideramos essa nota, essa moeda em um valor em si mesmo. É muito curioso porque somos criaturas de símbolos, pensamos, atuamos através de símbolos, porém, os símbolos concretos

que temos criado, os provavelmente arraigados na realidade e na mente os consideramos imaginários, como Ulisses, ou Hamlet, ou Chapeuzinho Vermelho... Os consideramos personagens imaginários, histórias imaginárias mesmo que tenham uma realidade absolutamente visceral em cada um de nós. Enquanto que o dinheiro que é um símbolo vazio e que representa um valor x dentro da sociedade, porém um valor que muda segundo a sociedade, não é um valor humano em general universal, nele temos absoluta confiança. Isto é o que nós pensamos, é o bem supremo, é a felicidade última e ainda que todos digam que não é assim, continuamos acreditando.

Eu acredito que há certas atividades humanas que não podem ser ensinadas. Temos que aprendê-las por nós mesmos por imitação, por intuição, frente a algo que ocorre e que nós também temos que fazer. Então, respirar não se pode ensinar, apaixonar-se e ler. Ler no sentido profundo. Pode-se ensinar a mecânica, é claro, porém ler num sentido profundo não se pode ensinar. Alguém pode dizer para alguém “Olha, se você ler e se converter num verdadeiro lictor, em alguma página nesta biblioteca há um livro que te espera, há um parágrafo que foi escrito para você, onde seus temores mais secretos, seus desejos mais profundos, sua experiência mais desconhecida está exposta em

FOTO: Estátua de Ulisses

VINHETA: “Um conselho aos jovens?”

palavras para você, então, depende de você encontrá-lo, os livros têm uma paciência infinita, esperarão para sempre”. Mas ninguém pode convencer outra pessoa de que isto é o que vai acontecer, porque estamos em uma sociedade onde os valores propostos são os de uma brevidade, os da facilidade, os da superficialidade, e a leitura necessita tempo, reflexão, necessita profundidade e necessita o prazer da dificultada. Isto numa sociedade que quer vender o contrário é muito difícil, então o processo tem que vir da própria pessoa, por isso há tão poucos leitores, porque tudo nos convence a fazer o contrário. Eu acredito que nascemos com o impulso de sermos leitores, nascemos com inteligência, com imaginação, e desde que somos crianças, ainda com poucos meses, a sociedade faz um esforço enorme para nos educar na estupidez, para fazer que não sejamos inteligentes, não sejamos imaginativos, que nos conformemos às normas que não façamos perguntas e que aceitemos respostas banais. Então há que fazer da leitura um ato subversivo para ir contra o que a sociedade quer nos impor. Mas isso só cada um pode fazer por si mesmo, muitos o fazem.

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO